

PARA NICOLA

**Ref.:** D-0055 | **Cat.:**  $\varepsilon_0/-$

**Protocolo de contenção:** O D-0055 é mantido no edifício 67, cofre 3011A, nas Instalações Primárias de Arquivo da OD em Black River. Esta unidade de contenção é uma sala com 5,00 × 5,00 × 2,50 m, revestida por camadas de cimento e proteção contra interferência eletromagnética. A equipa de segurança *não* deve ser posta à porta da unidade de contenção do D-0055.

**Descrição:** O D-0055 é um «segredo que se guarda sozinho», ou um «antimeme». Informação sobre a aparência física, natureza, comportamento e origens do D-0055 é autoconfidencial. Para esclarecer:

- Não se sabe como a Organização adquiriu originalmente o D-0055.
- Não se conhece a aparência física do D-0055. Não é indescritível, nem invisível; as pessoas são perfeitamente capazes de entrar na unidade de contenção do D-0055 e observá-lo, tirar apontamentos mentais ou escritos, fazer esboços, captar fotografias e até fazer gravações de áudio/vídeo. Está disponível um registo exaustivo de tais observações. Contudo, a informação sobre a aparência física do D-0055 «esvai-se» da mente humana pouco depois de tal observação. As pessoas encarregadas de descrever o D-0055 dão por si a divagar e a perder o interesse na tarefa; as pessoas encarregadas de esboçar uma cópia de uma fotografia do D-0055 são incapazes de recordar o aspeto da fotografia, e o mesmo acontece com os investigadores que supervisionam estes testes. Após um turno completo a observar o D-0055 através de câmaras de vigilância, os elementos da equipa de segurança ficam exaustos e efetivamente amnésicos quanto aos acontecimentos das horas anteriores.
- Não se sabe quem autorizou a construção da unidade de contenção do D-0055, por que motivo foi construída desta forma, nem qual poderá

ser o objetivo do protocolo de contenção aqui descrito.

- Apesar de a unidade de contenção do D-0055 ser facilmente acessível, a equipa de Black River afirma uniformemente não ter qualquer conhecimento da existência do D-0055 quando questionada.
- [REDACTED] D-0055.

Todos estes factos são redescobertos periodicamente, em regra, por leitores fortuitos deste ficheiro, o que causa uma inquietação considerável. Este estado de preocupação dura, no máximo, alguns minutos, até o assunto ser simplesmente esquecido.

Já foram registados muitos dados científicos sobre o D-0055, mas estes não podem ser estudados. O D-0055 pode representar uma ameaça física significativa e pode ter matado centenas de elementos da equipa, e nós não o saberíamos. Representa, certamente, uma ameaça memética/mental significativa, daí a sua classificação (provisória) como  $\epsilon$ .

Já se realizaram pelo menos duas tentativas de destruir o D-0055, ou possivelmente de o transferir da contenção em Black River para outras Instalações de Arquivo da OD, que falharam por razões desconhecidas.

**Adenda, 10-11-2008:** Admite-se a hipótese de que o D-0055 nunca tenha sido adquirido formalmente pela Organização e que seja, na verdade, um agente autónomo ou controlado remotamente, inserido em Black River por terceiros não identificados, com o objetivo de observar ou interferir silenciosamente com outros Desconhecidos, com a própria Organização ou [REDACTED].

Não é recomendada, ou sequer teoricamente possível, qualquer ação para combater esta potencial ameaça.

I

DESCONHECIDOS



## INDUÇÃO

— Como foi o seu Natal?

Desta vez, a assistente nem sequer responde. Deixa, simplesmente, de teclar, mesmo a meio de uma palavra, e fita Quinn.

— Já lho perguntei? — diz Quinn.

— Duas vezes — responde a mulher. Exasperação e perplexidade.

— Já tivemos toda essa conversa. E também já tivemos a conversa em que eu lhe disse que já me tinha perguntado isso, e você pediu desculpa.

— Peço desculpa — volve Quinn.

— Pois. Foi isso.

— Acha que tenho problemas de memória — sugere Quinn. — Acha que não tenho memória de longo prazo e que, se ficar demasiado tempo num lugar, me esqueço do motivo que me levou até lá.

— Achei que fosse do stresse — aponta Rowland, a assistente, num tom cauteloso.

Quinn sorri por simpatia e abana a cabeça.

— Não é stresse. Acha que o senhor Mahlo ainda vai demorar muito?

A assistente voltou a atentar no computador.

— As reuniões com membros da direção demoram o tempo que for preciso, e você simplesmente espera. O senhor Mahlo irá recebê-la quando estiver pronto.

É uma coisa que ela diz várias vezes por dia.

Quinn volta-se para a janela. O edifício é georgiano, com tetos altos, e a janela é igualmente alta, um retângulo de brancura. Lá fora, está um dia deslumbrante de janeiro, fresco, mas límpido e luminoso. Quatro pisos abaixo, as ruas estão saturadas de trânsito, como sempre. Mais ao fundo, o rio também está movimentado. Quinn observa um *ferry*.

Completa os cinquenta este ano. É bastante pequena e tem um olhar severo. Cabelo muito escuro, mas a ficar rapidamente grisalho. Hoje, tem-no bem penteado para trás e preso com uma mola prateada. Vestiu o seu melhor fato para a ocasião, cinzento muito escuro, de um botão, com uma blusa azul por baixo. Botins com saltos grossos, dois pequenos brincos prateados em cada lóbulo. Lentes de contacto em vez dos óculos habituais. Numa fita que traz ao pescoço, usa um cartão de segurança com uma risca diagonal cor de laranja e vermelha.

Mexe nervosamente no isqueiro. Desperdiça um pouco da chama. Está aqui para se reunir com Mahlo, e a direção é assustadora. Os membros da direção nunca querem falar seja com quem for por causa de coisas insignificantes. Ou é o fim do mundo ou não é nada.

Algo toca na sua carteira. Está na hora de tomar um comprimido. Dá com o telemóvel e diz-lhe para a lembrar mais tarde.

A porta do gabinete interior abre-se. Saem cinco pessoas, executivos e alguns assistentes executivos da Organização, com pastas e portáteis. Em grupo, passam pela secretária da assistente e por Quinn, e rumam diretamente aos elevadores. O segurança encarregado da sua escolta, um homem sem expressão silenciosamente à espera no canto oposto da receção, desde antes de Quinn ter chegado, descola-se da parede e acompanha-os.

Quinn reconhece apenas um dos rostos: Reinhardt, diretora da Organização na Alemanha. A hierarquia da Organização está espalhada internacionalmente, ocluída e em constante mudança, mas ela está ao mesmo nível que Mahlo. Quinn não conhece os restantes. De qualquer maneira, nenhum deles olha na sua direção.

E depois passam mais cinco minutos agonizantes.

— Não — murmura Quinn. — Fica quieto.

A assistente não se apercebe.

Por fim, a porta de Mahlo volta a abrir-se. Um homem diferente espreita para fora. Anda na casa dos vinte, estranhamente jovem, como um adolescente enfiado numa das camisas de trabalho do pai. O corte de cabelo mal cumpre as normas. Numa mão, segura um *tablet* com a agenda diária do chefe. Está bem preenchida. O homem, claramente, não dorme.

— Marie? Estamos prontos para a receber.

■

A porta do escritório fecha-se atrás deles com um pesado estalido mecânico, como se aquela coisa fosse parte de uma máquina embutida nas paredes do gabinete. Enquanto Quinn ocupa a cadeira indicada, o rapaz vira-se e faz mais algumas coisas confusas à porta, levando-a a emitir muitos mais barulhos estranhos. Mahlo e o resto da direção têm requisitos de privacidade e segurança invulgares.

O gabinete é espaçoso, mas consegue ser escuro apesar de dois cantos com grandes janelas e da plena luz do dia lá fora. As paredes estão todas cobertas por estantes e painéis de madeira escura; perfeitamente elegantes, mas num estilo dos anos noventa um pouco desgastado que ainda não é antigo o suficiente para voltar a estar na moda.

Quanto à pessoa atrás da secretária: Mahlo é um homem relativamente pequeno, singelo, de rosto taciturno, cuja idade é curiosamente difícil de determinar. Dependendo de como a luz da sala incide no seu rosto, parece ter vinte e nove ou cinquenta e oito anos, e quando se mexe para pegar num copo de água ou numa caneta, fá-lo com o cuidado frágil de um centenário. A risca no seu cartão é preta.

Quinn obriga-se a pousar a carteira ao lado da cadeira, em vez de a agarrar defensivamente no colo. Respira fundo.

— Então. O que vamos discutir? A única coisa que recebi foi o convite para a reunião, sem agenda nem assunto. Quero dizer, se o diretor do Reino Unido e da Irlanda diz «salta», uma pessoa salta, mas...

Olhando para a direita, repara que o rapaz, sem dizer nada e sem fazer qualquer barulho indevido, pousou o *tablet* numa mesa, pegou numa arma e apontou-lha à cabeça. Quinn deixa de falar. Mantém-se

imóvel na cadeira por um bocado, a processar a mudança de ritmo. O seu compasso cardíaco torna-se tão rápido como o de um colibri.

— Sim? — arrisca. Lambe os lábios e agarra-se aos braços da cadeira, mantendo o resto do corpo perfeitamente imóvel, à espera de outra indicação. O rosto do rapaz está agora totalmente neutro, como se esta fosse uma reunião normal.

— Para quem trabalha? — pergunta-lhe Mahlo.

Quinn pestaneja.

— O quê? Oh, céus.

Ele verifica os seus apontamentos. Fala num ritmo lento, quase aborrecido.

— Marie Quinn, quarenta e nove anos. Casada, sem filhos. Caminheira ávida, alpinista dotada, gosta de tricotar e de observar aves. Formação sólida, finanças impecáveis, um historial perfeitamente consistente, tanto quanto podemos verificar. E tem credenciais da Organização completas que nunca emitimos, incluindo acesso a uma lista de instalações e salas que... Bem. Algumas dessas localizações não existem, ou foram demolidas há décadas. Pelo menos uma delas ainda não foi construída, mas você já tem a chave. Já para não falar do seu nível de acesso aos Desconhecidos, que só posso descrever como «ultrajante».

» Portanto, é uma espia, e os seus objetivos não estão alinhados com os nossos, e a recomendação do jovem senhor Levene era transferi-la para o Processamento e deixar que eles a desenrolassem, mas consegui dar-lhe a volta. Convenci-o a termos uma conversa cara a cara consigo. Achei que havia uma pequena hipótese de, trancando-a numa sala protegida e pedindo-lhe educadamente, você ter o bom senso de se poupar ao resto.

Quinn inspira de forma superficial. Olha de lado para a arma. Levene não se mexeu.

— Senhor Mahlo, o senhor conhece-me. Já nos encontrámos várias vezes. Sou a sua dirigente de Antimemética.

— Não temos uma Divisão de Antimemética — afirma Levene.

— ... O senhor Levene está enganado — assegura Quinn a Mahlo. — A Organização tem uma divisão de investigação para cada categoria de

Desconhecido, e muito mais. Telepáticos, Inanimados, Criptozoologia. A minha divisão nem sempre aparece listada. É algo que não podemos evitar. É a natureza do trabalho que fazemos.

Hesita. Silêncio por parte dos outros dois. Mas não lhe disseram que parasse. Olha mais uma vez para a arma.

Precisa de um aumento.

— Há as coisas simples — diz. — Há Desconhecidos que são monstros básicos. Há livros impossíveis, laboratórios de investigação assombrados na Sibéria, adolescentes medianímicos e espadas mitológicas que enlouquecem uma pessoa. Depois disso, as coisas começam a tornar-se interessantes. Há Desconhecidos com propriedades meméticas perigosas. Há *ideias* contagiosas, que exigem contenção, tal como qualquer ameaça física. Conceitos virais. Entram na cabeça de uma pessoa e usam a sua mente para alcançar outras mentes. É por isso que temos uma Divisão de Memética. Certo?

— Certo — responde Mahlo. Conseguia facilmente citar vários Desconhecidos que encaixavam na descrição.

— Há Desconhecidos com propriedades antimeméticas — continua Quinn. — Há ideias que não podem ser espalhadas. Há entidades e fenómenos que recolhem e consomem informação, especialmente informação sobre si próprios. Se fizer uma polaroide de um deles, esta nunca se irá revelar. Se escrever uma descrição em papel com uma caneta e se a entregar a alguém, o que tiver escrito revela-se um gata-funho, e ninguém consegue compreendê-lo, nem mesmo você. Pode olhar diretamente para um e este nem sequer será invisível, mas você não se aperceberá de nada ali. Sonhos a que não se consegue agarrar, segredos que nunca consegue partilhar, e mentiras, e conspirações. É um ecossistema conceptual, de ideias que consomem outras ideias e... por vezes... segmentos da realidade. Por vezes, pessoas.

» O que os torna uma ameaça. É só isso. As entidades antimeméticas são perigosas e estão para lá da nossa compreensão; portanto, são da alçada da Organização. Daí a existência da minha divisão. Esta é a nossa especialidade. Nós conseguimos ter o pensamento lateral necessário para combater algo que pode literalmente devorar o nosso treino de combate.

» Senhor Mahlo, o senhor já sabe de tudo isto. Vá ao fundo da sua mente.

— Isto é uma fachada — declara Levene a Mahlo, sem tirar os olhos de Quinn. — Convincente, mas ela já a tinha preparado com antecedência.

— Levene, guarde isso — ordena Mahlo.

Levene obedece de má vontade. Recua e encosta-se a uma estante, ainda cético.

Quinn suspira.

— Diga-me um — pede Mahlo. — Diga-me um Desconhecido antimemético.

— D-0055 — diz Quinn.

— Não existe nenhum D-0055 — retruca Levene.

Quinn estremece.

— Existe. Verifique a base de dados.

— Os números de referência são atribuídos aleatoriamente — argumenta Levene. Quinn abre a boca para fazer uma pequena correção, mas Levene não repara e prossegue. — Há lacunas. Esse número não foi atribuído. Não é superstição, já lidamos com demasiado para nos preocuparmos com misticismo numerológico arbitrário. Temos o D-0666 e o D-0013. Mas não há D-0001. E não há D-0055.

— Levene — chama Mahlo. — Devia ver isto.

Vira o monitor para que Levene veja o ficheiro a que acabou de aceder. Levene dá a volta até à secretária de Mahlo e observa. Lê o ficheiro do início ao fim. Atónito, regressa ao início e lê tudo uma segunda vez.

— Já tinha visto isto? — pergunta a Mahlo.

— Nunca — admite Mahlo. Este recosta-se na cadeira, unindo as mãos. — Que me lembre, pelo menos. Se o conteúdo estiver correto, já ambos o vimos dezenas de vezes.

— É falso — contesta Levene.

— A data de criação do ficheiro original é julho de 2005 — realça Mahlo. — Tem todas as assinaturas criptográficas certas. Incluindo a minha. É verdadeiro.

— Então foi ela que o pôs aí! Não sabemos há quanto tempo ela nos anda a espiar. Esteve escondido até ela precisar dele, agora mesmo.

— Digamos que é verdadeiro — aponta Mahlo.

— Não é *possível*.

Quinn contém uma risada.

— Por amor de Deus, Levene. É novo aqui?

Levene lança-lhe um olhar fulminante. Volta a contornar a secretária e avança na direção dela.

— Ainda não — intervém Mahlo.

Levene abranda. Ainda a fitar Quinn com suspeita, retoma o seu posto, as costas contra a estante.

— Digamos que é verdadeiro — repete Mahlo. — Se é verdadeiro, quem escreveu o ficheiro? E, já agora, como é que a senhora Quinn retém o conhecimento disto?

— O ficheiro foi escrito pelo doutor Edward Hix — explica Quinn. — Costumava trabalhar na minha divisão. Já morreu.

— O que lhe aconteceu?

— É melhor que não saibam o que lhe aconteceu.

Há uma pausa muito longa enquanto Mahlo e Levene reagem àquilo. Na verdade, passam por uma longa sequência de reações discretas. Indignação ante a aparente insolência; confusão com a imprudência de Quinn perante superiores intimidantes; surpresa com a magnitude de tal afirmação; pura incredulidade; compreensão; e, por fim, terror.

— O que... — pergunta Mahlo cuidadosamente — ... aconteceria se soubéssemos o que lhe aconteceu?

— Também vos aconteceria — responde Quinn calmamente. — As circunstâncias da morte do doutor Hix são contagiosas e a investigação está encerrada... Quanto à sua outra questão: tratamos disso com fármacos. Não preciso de lhe explicar os desafios da confidencialidade neste trabalho. Você sabe que, desde o início da Organização, usamos rotineiramente medicamentos amnésicos para suprimir, alterar ou apagar memórias problemáticas. Bem, na Divisão de Antimemética, temos o problema oposto. Quando precisamos de reter coisas que, de outra forma, seriam impossíveis de reter, usamos medicamentos mnésicos. É como «amnésicos», mas sem o «a». Existem quatro famílias destes medicamentos. W, X, Y e Z. Ah...

Na carteira, o telemóvel volta a tocar.

Lentamente, depois de Mahlo anuir com a cabeça, Quinn enfia a mão na carteira e desliga o aparelho, desta vez seguindo o aviso em vez de o adiar. Pega no *blister* guardado no bolso lateral e retira um comprimido. É hexagonal, verde-claro. Segura-o entre o polegar e o indicador, e fica aliviada ao ver um lampejo de reconhecimento no semblante de Mahlo. Ele já começou a recordar.

— Estes são mnésicos de Categoria W — explica Quinn. — Os mais fracos, adequados a um uso contínuo. Toma-se um a cada doze horas. Quanto mais consistente, melhor o efeito. Pode encomendar-se através da farmácia. O farmacêutico vai dizer que não têm tal coisa. Está enganado, basta dizer-lhe que vá verificar.

Ela engole-o a seco.

Mahlo solta um resmungo.

— Acho que agora percebo. Já percebo porque é que estamos sequer a ter esta conversa.

— Falhou uma toma — diz Quinn. — É suposto tomar isto, tal como eu e toda a minha equipa. É a única forma de conseguirmos trabalhar. Esqueceu-se de tomar um comprimido e depois esqueceu-se de toda a informação que os comprimidos o ajudavam a reter. Porque estava a tomá-los, quem lhos deu, onde arranjar mais. Esqueceu-se de mim e de toda a minha divisão. E agora tenho de o pôr a par.

Ela oferece os comprimidos a Mahlo.

Levene dá um passo nervoso em frente.

— Senhor Mahlo.

Mahlo pega no *blister*, retira um segundo comprimido e examina-o.

— E se eu tomar isto — diz ele —, vou reter toda esta conversa e não teremos de a repetir?

— Espero que não — responde Quinn, falando a sério.

Mahlo engole o comprimido com um gole da água de um copo.

— Senhor!... — solta Levene.

Mahlo cala-o com um gesto.

Os olhares de Quinn e Levene cruzam-se por um segundo perigoso.

— ... Então o que é o D-0055? — pergunta Mahlo. — A sério.

— ... Não precisa de se preocupar com o D-0055 — assegura Quinn. — Vai lembrar-se quando o comprimido fizer efeito. Tal como

está descrito no ficheiro, é um autossupressor de informação elementar. É relativamente fraco. Sabemos que é fraco, pois é o único Desconhecido antimemético cujo registo na base de dados é visível para os não iniciados. Desculpe, queria dizer parcialmente visível.

— Parcialmente?

Mahlo volta a atentar no ficheiro. Desce mais um pouco.

Há mais informações. Inclina a cabeça pensativamente enquanto lê.

Levene bate ligeiramente no lado do peito com uma mão. Uma expressão de perplexidade surge-lhe no rosto. Franze o sobrolho a Quinn, mas esta desviou o olhar momentaneamente, para verificar algo no telemóvel.

— Então, quantos outros Desconhecidos antimeméticos existem? — pergunta Mahlo, fechando o ficheiro. — Este é fraco. Quão mais fortes podem ser?

— Entre os dois mil e seiscentos Desconhecidos até ao momento, sabe-se atualmente de cinquenta e oito cuja natureza é antimemética, e estes são a responsabilidade da minha divisão — revela Quinn. — É estatisticamente provável que pelo menos mais dez Desconhecidos tenham uma natureza antimemética da qual a Organização não sabe, ou da qual sabe apenas de forma intermitente. Obviamente, estes números não podem incluir os DD. A maioria dos Desconhecidos que mencionei está contida em segurança, mas alguns não estão. Há pelo menos dois deles aqui connosco neste momento. Não olhem. Eu disse para não olharem! É inútil.

Mahlo levanta uma sobrancelha, mas não olha. Mantém-se focado em Quinn. Nas suas costas, Levene observa o gabinete inteiro.

— Há um monstro invisível que me segue e gosta de comer as minhas memórias — explica Quinn pacientemente. — O D-4987. Está prestes a dizer que o D-4987 não existe, mas existe. É algo com que tive de aprender a viver. Digamos que é um animal de estimação exótico. Eu produzo memórias apetitosas de propósito para que ele não coma nada importante, como as minhas palavras-passe ou como fazer café.

— E? — pergunta Levene. — Qual é o outro?

Mahlo volta a anuir e Quinn volta a procurar algo na carteira. Desta vez, tira uma arma e dispara dois tiros contra o coração de Levene.

Mais chocado do que em dor, Levene cai contra a estante. Virando a cabeça para encarar Quinn, consegue dizer:

— Como é que... sa...

Quinn está agora acima dele. Aponta com mais cuidado e dispara uma terceira bala, agora contra a cabeça.

Mais uma vez, Mahlo recusa-se simplesmente a reagir a tal reviravolta.

— Essa é a arma do Levene — comenta. — Nem a vi tocar nele.

— É complicado roubar uma arma a alguém sem que essa pessoa repare — explica Quinn, descarregando-a e pousando-a cuidadosamente na secretária de Mahlo. — Mas roubar uma arma e depois apagar toda a memória do roubo é um pouco mais fácil. Como eu disse: tenho um animal de estimação. Alguns deles são suficientemente inteligentes para serem treinados.

— Fascinante — diz Mahlo. — Claramente vantajoso, em certas ocasiões. Mas posso perguntar porquê?

— Porque era suposto você estar a tomar mnésicos de Categoria W — responde Quinn. — Ninguém se consegue esquecer de uma dose de mnésico de Categoria W. Já se tentou. Pode adiar uma dose, mas não consegue *esquecê-la*, a não ser que alguém o impeça ativamente de a tomar por um período de tempo significativo. Só há uma pessoa suficientemente próxima de si para fazer isso: o seu assistente. E lembra-se de quando lhe perguntei se ele era novo?

— Ele não respondeu — diz Mahlo. — Pensei que fosse uma pergunta retórica.

— Ele não trabalha aqui — esclarece Quinn. — É um Desconhecido. Um antimeme humanoide. Verifiquei o organograma, senhor Mahlo. O senhor não tem um assistente. Tem uma rececionista. Chama-se Rowland e está lá fora. É *ela* quem lhe filtra as chamadas e marca as suas reuniões. O Levene não encaixa. Não está a usar o cartão que eu, o senhor e a Rowland usamos. Olhe para este gabinete. Onde é que ele se senta sequer? Não há uma secretária livre, nem aqui nem lá fora.

Mahlo reflete sobre os argumentos dela. Parece levemente nervoso.

— Você não tem culpa — continua Quinn. — É humano, e estas coisas são a encarnação da censura. É preciso pensar como um extra-terrestre para as contornar.

— Parece que eu... que *nós* temos aqui uma vulnerabilidade.

— Não — assegura Quinn. — Temos uma equipa.

Mahlo levanta-se ligeiramente da cadeira, para ver melhor o que resta de Levene. Faz uma pergunta que, em qualquer outro trabalho, seria absurda.

— Está morto?

— Talvez. Vou pôr o corpo na nossa fila de investigação e logo se vê o que conseguimos descobrir quando o abrirmos. Mas há aqui uma dualidade. É suposto estes serem universos distintos. É o conceptual contra o concreto, o figurativo contra o físico. É bastante invulgar que as coisas cruzem esse limite. Não sei o que o Levene era, mas tinha um corpo humano, o que faz dele imediatamente estranho, mesmo pelos nossos padrões. Como sempre, a busca por equilíbrio continua. Eu aviso-o se tivermos algum avanço.

— Há algum efeito secundário destes comprimidos? — pergunta Mahlo.

— Náuseas e um aumento drástico do risco de cancro do pâncreas — responde Quinn. — E pesadelos terríveis.